

AS ETIMOLOGIAS DE MÉNAGE

Izidoro Blikstein

“ .faba, fabarius, fabaricus, fabaricotus, faricotus; haricot; par le changement ordinaire de l’F en H...” (1).

É assim que G. Ménage explicava, em 1694, a origem do francês *haricot* “feijão”; este verbete tem sido tão comentado e criticado que hoje pertence ao “folclore” da lingüística. Alguns lingüistas da atualidade chegam quase à irreverência ao afirmarem, como K. Baldinger, que tal explicação é “... tão bonita que não podemos deixar de lastimar que a única coisa de exato nela sejam as vírgulas.” (2). Mas vale ressaltar que o nosso Machado de Assis também se referiu a Ménage, não com irreverência e sim com graça e piedosa ironia, numa crônica que transcreverei a seguir e cujo valor está não só na arte mas na sabedoria lingüística que dela se pode depreender:

Tantas são as matérias em que andamos discordes, que é grande prazer achar uma em que tenhamos a mesma opinião. Essa matéria é o carnaval. Não há dous pareceres; todos confessam que este ano foi brilhante, e a mais de um espírito azedo e difícil de contentar ouvir que a rua do Ouvidor esteve esplêndida.

Ouvi mais. Ouvi que houve ali janela que se alugou por duzentos mil-réis, e terá havido outras muitas. É ainda uma causa da harmonia social, portanto se há dinheiro que sobre, há naturalmente conciliação pública. Nas casas de pouco pão é que o adágio acha muito berro e muita sem-razão. Uma janela e três ou quatro horas por duzentos mil-réis é alguma cousa, mas a alegria vale o preço. A alegria é a alma da vida. Os máscaras divertem-se à farta, e aqueles que os vão ver passar não se divertem menos, não contando a troca de confete e de serpentinas, que também se faz entre desmascarados. Uns e outros esquecem por alguns dias as horas aborrecidas do ano.

(1) — Ménage, G. — *Dictionnaire étymologique de la langue française*, Paris, chez Briasson, 1750, s. v., p. 13.

(2) — Baldinger, K. — “Língua e Cultura”, in *ALFA*, Revista da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília — Departamento de Letras, IX, março de 1966, p. 54.

Tal é a filosofia do carnaval; mas qual é a etimologia? O Sr. Dr. Castro Lopes reproduziu terça-feira a sua explicação do nome e da festa. Discordando dos que vêem no carnaval uma despedida da carne para entrar no peixe e no jejum da quaresma (*caro vale*, adeus, carne), entende o nosso ilustrado patricio que o carnaval é uma imitação das *lupercais* romanas, e que o seu nome vem daí. Nota logo que as *lupercais* eram celebradas em 15 de fevereiro; matava-se uma cabra, os sacerdotes untavam a cara com o sangue da vítima, ou atavam uma máscara no rosto e corriam seminus pela cidade. Isto posto, como é que nasceu o nome carnaval?

Apresenta duas conjeturas, mas adota somente a segunda, por lhe parecer que a primeira exige uma ginástica dicícil da parte das letras. Com efeito, supõe essa primeira hipótese que a palavra *lupercalia* perdeu as letras *l*, *p*, *i*, ficando *uercala*; esta, torcida de de trás para adiante, dá *careual*; a letra *u* entre vogais transforma-se em *v*, e daí *careval*; finalmente, a corrução popular teria introduzido um *n* depois do *r*, e ter *carneval*, que, com o andar dos tempos, chegou a *carnaval*. Realmente, a marcha seria demasiado longa. As palavras andam muito, em verdade, e nessas jornadas é comum irem perdendo as letras; mas, no caso desta primeira conjetura, a palavra teria não só de as perder, mas de as trocar tanto, que verdadeiramente meteria os pés pelas mãos, chegando ao mundo moderno de pernas para o ar. Ginástica difícil. A segunda conjetura parece ao Sr. Dr. Lopes mais lógica, e é a que nos dá por solução definitiva do problema.

Ei-la aqui. “Era muito natural, diz o ilustrado lingüista, que nessas festas se entoasse o *canto dos irmãs arvais*; muito naturalmente ter-se á dito, às vezes, *a festa do canto arval* (*cantus arvalis*), palavras que produziram o termo *carnaval*, cortada a última sílaba de *cantus* e as duas letras finais de *arvalis*. De *canarval* a *carnaval* a diferença é tão fácil, que ninguém a porá em dúvida.”

A etimologia tem segredos difíceis, mas não invioláveis. A genealogia é a mesma cousa. Quem sabe se o leitor, plebeu e manso, jogador do voltarete e mestre-sala, não descende de Nero ou de Camões? As famílias perdem as letras, como as palavras, e a do leitor terá perdido a crueldade do imperador e a inspiração do poeta; mas se o leitor ainda pode matar uma galinha, e se entre os dezoito e vinte anos compôs algum soneto, não se despreze; não só pode descender de Nero ou Camões, mas até de ambos.

Por isso, não digo sim nem não à explicação do Sr. Dr. Castro Lopes. Digo só que o sábio Ménage achou, pelo mesmo pro-

cesso, que o *haricot* dos franceses vinha do latim *faba*. À primeira vista parece gracejo; “*On a dû dire faba, puis fabaricus, puis fabaricotus, aricotus et enfin haricot.*” Há seguramente um ponto de partida conjectural, em ambos os casos. O *on a dû dire* de Ménage e o *ter-se-á dito* de Castro Lopes são indispensáveis, uma vez que nenhum documento ou monumento nos dá a primeira forma da palavra. O resto é lógico. Toda a questão é saber se esse ponto de partida conjectural é verdadeiro. Mas que há neste mundo que se possa dizer verdadeiramente verdadeiro? Tudo é conjectural. Dai-me um axioma: a linha reta é a mais curta entre dous pontos. Parece-nos que é assim, porque realmente, medindo toda as linhas possíveis, achamos que a mais curta é a reta; mas quem sabe se é verdade?

O que eu nego ao nosso Castro Lopes, é o papel de Cassandra que se atribui, afirmando que não é atendido em nada. Não o será em tudo; mas há de confessar que o é em algumas cousas. Há palavras propostas por ele, que andam em circulação, já pela novidade do cunho, já pela autoridade do emissor *Cardápio* e *convescote* são usados. Não é menos usado *preconício*, proposto para o fim de expelir o *réclame* dos franceses, embora tenhamos *reclamo* na nossa língua, com o mesmo aspecto, origem e significação. Que lhe falta ao nosso *reclamo*? Falta-lhe a forma erudita, a novidade, certo mistério. Eu, se não emprego *convescote*, é porque já não vou a tais patuscadas, não é que lhe não ache graça expressiva. O mesmo digo de *cardápio*.

Nem tudo se alcança neste mundo. Um homem trabalha quarenta anos para só lhe ficar a obra de um dia. Felizes os que puderem deixar uma palavra ou duas; terão contribuído para o lustre do estilo dos pósteros, e dado veículo asseado a uma ou duas idéias. Filinto Elísio mostra o exemplo do marquês de Pombal, que tendo de explicar uma lei, introduziu nela a palavra *apanágio*, logo aceita por todos. “*Apanágio* passou; hoje é corrente”, disse o poeta em verso. Ai, marquês! digo eu em prosa, quem sabe se de tantas cousas que fizeste, não é esta a única obra que te há de ficar? (3).

Esta crônica sugere reflexões sobre a atitude verdadeiramente científica de um estudioso de ciências humanas, particularmente, da linguagem: a ciência lingüística não deve subestimar a ficção literária como fonte de sabedoria lingüística. É verdade que a literatura

(3) — Machado de Assis, J.M. — *A Semana*, 2.º vol., 1894-95 — Rio, Jackson, 1955, pp. 303-308

não apresenta objetiva e ordenadamente os fatos, em contraste com os tratados sistemáticos de lingüística, mas eu diria que — sem depreciar, é claro, o valor de uma teoria bem formalizada — os ficcionistas têm enriquecido sobremaneira a compreensão dos mecanismos do comportamento lingüístico. E com a vantagem de, como no caso de Machado de Assis (a exemplo de Swift, Carroll ou Platão), tratar de assuntos lingüísticos com humor e ironia, destravando o habitual freio ou tensão em que vive o pesquisador, além de propiciar-lhe as condições básicas da investigação científica (especialmente etimológica!): tolerância e humildade.

A seguinte passagem ilustra a acuidade lingüística do Autor de *Dom Casmurro*:

“As palavras andam muito, em verdade, e nessas jornadas é comum irem perdendo as letras; mas no caso desta primeira conjectura [M. de Assis refere-se a *lupercalia* > *uercala* > *careval* > *carneval* > *carneval*!], a palavra teria não só de as perder, mas de as trocar tanto que verdadeiramente meteria os pés pelas mãos, chegando ao mundo moderno de pernas para o ar. ”

Machado de Assis percebe muito bem que a etimologia tem de explicar não só o liame entre *significados*, mas também a relação entre *significantes* (utilizando sempre a moderna terminologia), chegando a vislumbrar a possibilidade de um método mais rigoroso de investigação: “A etimologia tem segredos difíceis, mas não invioláveis” E não deixa de reconhecer um princípio de método nas posições de Castro Lopes, aproximando-o de Ménage:

“Digo só que o sábio Ménage achou, pelo mesmo processo, que o *haricot* dos franceses vinha do latim *faba*. Á primeira vista parece gracejo; mas eis aqui as razões do etimologista: “On a dû dire *faba*, puis *fabaricus*, puis *fabaricotus*, *aricotus* et enfin *haricot*.” Há seguramente um ponto de vista conjectural, em ambos os casos. O *on a dû dire* de Ménage e o *ter-se-á dito* de Castro Lopes são indispensáveis, uma vez que nenhum documento nos dá a primeira forma da palavra. O resto é lógico. Toda a questão é saber se esse ponto de partida conjectural é verdadeiro...”

Não é difícil, hoje, criticar as interpretações de Ménage ou Castro Lopes. Sabe-se que a origem de *carnaval* está no italiano *carnevale* “terça-feira gorda” (< *carnclavare* “tirar a carne”) (4); *haricot* faria parte de um guisado de carneiro, também chamado *ha-*

(4) — Bloch, O e Wartburg, W.v. — *Dictionnaire étymologique de la langue française*, Paris, P.U.F., 1964, p. 110.

ricot ou *hericot*, nome derivado do francês ant. *harigoter* “despedaçar” que proviria do frâncico **hariôn* “estragar-se” embora, nesta última explicação, ainda conste um “provavelmente” (5)! A interpretação de *haricot* está, pois, ainda no condicional e o próprio Baldinger reconhece que “Ménage não precisa envergonhar-se. Apenas 40 anos atrás os nossos mais conhecidos etimólogos também não se encontravam em situação muito melhor. O próprio Wartburg, ao escrever o primeiro tomo do Dicionário Etimológico Francês, do FEW (1922-1928), encontrava-se ainda à beira do precipício. Fazia derivar *haricot* do mexicano *ayacotli* “feijão” (6)

Mais uma vez, devemos reconhecer que é um erro de perspectiva criticar essa etimologia pré-científica a partir dos moldes da lingüística atual. Ao contrário, louvem-se a erudição, a cultura lingüística e a *ousadia de conjeturar*, numa época (fim do século XVII) em que ainda não se podia contar com os indispensáveis subsídios da gramática comparada. Assim, apesar de seus disparates ou ingenuidades, o *Dictionnaire Etymologique de La Langue Française*, de Gilles Ménage, publicado em 1694, continua sendo citado, criticado, mas também redescoberto! Começarei pelo Prof. Walther V Wartburg que, num texto decisivo para a etimologia moderna — sobretudo a estrutural — reivindica a necessidade da Semântica, do mesmo modo que Ménage teria necessitado da fonética histórica:

“As palavras não vivem simplesmente para si mesmas. A menor modificação, a inovação mínima nos matizes do sentido repercutem imediatamente nas palavras vizinhas. Quem quiser descrever hoje a etimologia de uma palavra não deverá contentar-se com verificar o desaparecimento de uma significação ou a adição de uma nova significação. Deverá indagar ainda qual o feliz concorrente, herdeiro da significação desaparecida, ou de que palavra foi extraída a nova significação. A primeira condição de efetuar tal pesquisa é uma exata compreensão da semântica e das condições em que a vida das palavras se desenvolve. Tal compreensão é tão importante quanto a elucidação das relações fonéticas e morfológicas, e as gerações futuras sorrirão tanto de nosso desprezo pelo aspecto semântico e pelo estudo de qualquer vitalidade de uma palavra como sorrimos nós agora ao ver o modo ingênuo com que Ménage considerava os sons.” (7)

(5) — Bloch-Wartburg — *op. cit.*, p. 316.

(6) — Baldinger, K — *op. cit.*, *ibid.*

(7) — Wartburg, W.v. — *Problèmes et méthodes de la linguistique*, Paris, P.U.F., 1963, p. 125.

É notável que figure o nome de Ménage numa passagem que vale como uma autêntica profissão de fé da “escola” das *Wörter und Sachen*, abrindo amplas perspectivas para a etimologia do século XX. E a menção nada tem de demeritório, pois, guardadas as devidas proporções, Ménage foi tão desbravador para o século XVII quanto W von Wartburg, com o *F E W.*, para o século XX. Por outro lado, no já citado artigo *Língua e Cultura* (8), seu Autor, K. Baldinger, fazendo a apologia da investigação histórico-cultural na Linguística, reporta-se três vezes a Ménage; primeiro, na discussão da etimologia de fr. *fard* “carmim”:

“A derivação etimológica esabelecida por Ménage: *fucus, fardus, fard* lembra suspeitamente a conhecida brincadeira etimológica, entre os estudantes alemães, que faz derivar o al. *Fuchs* do lat. *alopex* (peixe de mar): *alopex-lopex-pex-pix-pax-pux-fuchs*. Com as palavras de Ménage poderíamos dizer sobre Ménage: tal etimologia é indigna de tão grande sábio” (pp. 38-39)

A seguir, comentando o fr. *quille* “bola”:

“...derivaria, conforme opina Ménage em 1694, do lat. *squilla* “sino”, porque as bolas se assemelham a sinos. É evidente que não é possível alicerçar sobre tamanha superficialidade a história das coisas” (p. 52).

Finalmente, a referência jocosa e até sarcástica à etimologia do fr. *haricot*: “ a única coisa que de exato existe nela sejam as vírgulas” (p. 54) Apesar da crítica, também Baldinger reconhece o pioneirismo de Ménage, a quem chama de “nosso primeiro pai das etimologias” (p. 54):

“Não devemos esquecer, porém, que Ménage não tinha ainda nem sequer idéia de uma evolução conforme as leis fonéticas. Ménage operava, com relação à evolução fonética, com quatro causas, a que chama as “quatro fontes de corrupção”: troca, acréscimo, truncamento e transposição de letras. Compreende-se que com estes princípios podia-se derivar qualquer palavra de qualquer outra. Por outro lado, Caseneuve, a quem ele critica, e que põe *fard* em relação com o al. *Farbe*, encontrava-se muito mais próximo da verdade. De fato, *fard* deriva muito provavelmente de um germânico **farwidon* “tingir” (p. 39).

(8) — Baldinger, K. — *ibid.*

Não escapa a Baldinger a relação entre língua e sociedade:

“O fato de que a língua reflete a história dos povos, isto é, a relação entre a história da língua e a história da cultura, já se reconheceu então. Assim, no prólogo ao dicionário de Ménage lê-se:

“Le sort des langues a beaucoup de rapport à celui des Empires; elles ont leurs périodes, leurs révolutions, leur splendeur, et leur décadence. Un esprit philosophe démêle aisément les liaisons étroites qui unissent ces choses entr’elles: il voit combien un déluge de barbarie, ou quelque inondation de faux bel-esprit, peuvent arrêter les progrès des Langues, et même les faire aller en rétrogradant; combien au contraire la justesse de l’esprit, la politesse des mœurs, la connoissance solide des Sciences et des Beaux-Arts, influent sur la perfection du langage. Généralement il est vrai de dire, qu’on parle comme on pense. ” (pp. 39-40).

(“O destino das línguas tem muito a ver com o dos Impérios; elas têm seus períodos, suas revoluções, seu esplendor e sua decadência. Um espírito filósofo facilmente deslinda as estreitas ligações que unem tais coisas entre si: percebe quanto um dilúvio de barbárie, ou uma inundação qualquer de falsa pretensão, podem sustentar os progressos das Línguas e até mesmo fazê-las caminhar para trás; e como, ao contrário, a retidão do espírito, a delicadeza dos costumes, o conhecimento sólido das Ciências e das Belas-Artes influem na perfeição da língua geralmente é justo dizer que falamos como pensamos. ”)

Tais referências e citações ilustram bem o interesse de uma “releitura” das etimologias e reflexões menagianas, reveladoras que são do pensamento lingüístico dos séculos XVII e XVIII. Testemunha de seu tempo, Ménage tem, entre muitos méritos, o de registrar a criação de novos signos. Registro valioso, pois, se a atividade etimológica se resume, em última análise, em determinar a motivação ou transparência de um signo, seria, praticamente, impossível fazê-lo no caso de uma palavra como *fiacre* “fiacre” não fosse a informação de Ménage! Para Ullmann, por exemplo, *fiacre* torna-se transparente a partir do testemunho de Ménage:

“A opacidade pode resultar também da ausência de uma ligação ostensiva entre um nome próprio e um substantivo comum homônimo. Que relação plausível poderia existir entre a palavra francesa para exprimir uma “carruagem de aluguel”, *fiacre*, e o santo irlandês do mesmo nome que viveu no século VII? Não obstante, há uma relação, embora meramente fortuita: uma testemunha ocular, o lexicógrafo do século XVII, Ménage, registrou

que estas carruagens se chamavam assim porque costumavam estacionar em frente de uma casa da rua Saint-Antoine, em Paris, na qual havia um retrato do santo.” (9).

É o que, de fato, consta no verbete *fiacre*, do *Dictionnaire Etymologique* de Ménage (p. 589):

“*FIACRE*. On appelle ainsi à Paris, depuis quelques années, un carrosse de louage; à cause de l’Image S. Fiacre, qui pendoit pour enseigne à un logis de la rue Saint Antoine, où on louoit ces sortes de carrosses. *C’est dont je suis témoin*” (grifo meu)

(“*FIACRE*. Assim se denomina em Paris, há alguns anos, um coche de aluguel; por causa da imagem de S. Fiacre, pendurada como tabuleta numa casa da rua Santo Antônio, em que se alugava essa espécie de coche. *É o de que sou testemunha*” (grifo meu).)

Por outro lado, para o verbete *fiacre*, Bloch e Wartburg limitam-se a transcrever literalmente a explicação de Ménage (10) Mas o importante é que ela não fica por aí, pois Ménage acrescenta:

“Nous avons de même appelé *Blavet* des carrosses de voiture, d’un nommé *Blavet*, qui les louoit à ceux qui en avoient besoin. *C’est aussi dont je suis témoin oculaire*” (p. 589)

(“Do mesmo modo denominamos *Blavet* aos coches de um chamado *Blavet*, que os alugava aos que deles precisavam. *É o de que também sou testemunha ocular*” (grifo meu).)

Ora, aí está o interesse de uma “releitura” das etimologias menagianas; a observação acima passou despercebida e tem, no entanto, grande alcance no que toca a uma metodologia etimológica. Com efeito, pode-se notar que Ménage não se contenta com a simples relação entre o signo e seu referente, mas busca o modelo que justifique tal relação: “Nous avons de même appelé *Blavet* des carrosses de voiture, d’un nommé *Blavet*. ” Por que, então, tanta ironia para com o primeiro etimologista moderno? Afinal de contas, se guardarmos a devida distância, outro não é o raciocínio de um lingüista contemporâneo, Pierre Guiraud, ao traçar novos caminhos para a etimologia, com base numa *tipologia*:

(9) — Ullmann, St. — *Semântica* — Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1967, p. 159.

(10) — Bloch-Wartburg — *op. cit.*, p. 260.

“Entre a etimologia que faz de *pantalon*, “calça” a coisa que *pend aux tatlons*, “pende sobre os calcanhares” e a que o liga à calça comprida da personagem da *Comédia dell Arte*, a primeira é a mais lógica, natural e evidente, mas — além dos argumentos fonéticos e sintáticos — tal evidência se anula diante daquela da língua que nos prova que uma das maneiras de designar uma roupa é dar-lhe o nome da personagem que introduziu a sua moda (*fontange, spencer, palatine* etc.)” (11)

Assim, o verbete *fiacre*, de Ménage, já conteria, embrionariamente, a idéia de um modelo lingüístico que explicasse a formação de novos signos. E é Guiraud que, sabiamente, vai situar o valor de Ménage, divisando dois grandes méritos em suas etimologias; a saber, *o princípio das mudanças fonéticas e a pertinência de um grande número de explicações etimológicas*:

“Mas seria cruel e inglório cumular o bom filólogo com nossos sarcasmos, pois não sabemos o que reserva a posteridade quanto a nossas próprias conjeturas. Afinal de contas, Ménage lançou o princípio muito justo, e original em seu tempo, das alterações fonéticas; se ele as concebeu em termos ingênuos é porque não podia ser de outro modo na época; acrescentemos enfim que numerosas etimologias suas são bem pertinentes.” (12).

Ferdinand Brunot, em sua monumental *Histoire de la Langue Française*, já tivera a oportunidade de assinalar a pertinência da obra etimológica de Ménage:

“Comparem-se seus resultados aos da ciências moderna: em 300 palavras que Diez explicou depois de Ménage, não há nada menos de 216 cuja etimologia ele reconhece conservar de seu predecessor, ou seja uma proporção de 72%. Diante desses números, não teríamos o direito de concluir com Gröber que “o desprezo por Ménage é feito sobretudo de ignorância”? (13)

E esta porcentagem tão significativa foi recentemente incluída na herança lingüística dos séculos clássicos (XVII e XVIII) por J Stefanini, ao assinalar os momentos decisivos da lingüística diacrônica (14)

(11) — Guiraud, P — *L'étymologie*, “Que Sais-Je?”, Paris, P. U. F., 1964, pp. 92-93.

(12) — Guiraud, P. V — *op. cit.*, pp. 24-25.

(13) — Brunot, F. — *Histoire de la langue française des origines à 1900* — Paris, A. Colin, 1905-37, 10 tomos, tomo I, p. 7

(14) — Stefanini, J — “Sur la grammaire historique du français”, in *Langue Française*, nº 10, maio, 1971, Paris, Larousse, p. 9.

Todas estas considerações convidam a olhar mais de perto o *Dictionnaire de Ménage*. A obra apareceu com o título *Les Origines de la langue française*, em 1650 (Paris, Courbé) e foi reeditada em 1694 com o título aumentado — *Dictionnaire Etymologique ou Origines de la Langue Française* — e um importante acréscimo, a saber, as *Origines de la Langue Française* de Caseneuve. Muito mais completa é a edição de 1750, sob a responsabilidade de Antoine-Claude Briasson, “libraire à Paris” (15), pois vem enriquecida de dedicatórias, notas preliminares, prefácios, cartas, biografia, além de opúsculos de etimologistas contemporâneos de Ménage. Com efeito, muitos comentadores surgiram entre 1694 e 1750 e o editor houve por bem incluir importantes adições às explicações de Ménage, como, por exemplo, as de Le Duchat, conservadas pelo Secretário da Academia de Ciências de Berlim, Sr. Formey, e cedidas depois ao editor do *Dictionnaire*. A título de documentação, vale transcrever aqui um trecho do *Avertissement* do editor, o que nos permite conhecer a seriedade das preocupações dos etimologistas da época. e editores também:

a) Um conceito ainda válido de etimologia:

“Tout ce que l’on peut dire sur cette nouvelle Edition du Dictionnaire Etymologique de la Langue Française, ayant déjà paru dans le *Prospectus* donné au Public; nous en répéterons ici seulement ce qui vient à notre sujet.

“Chercher ce que les Langues ont emprunté les unes des autres, les analyser, et les rappeler à des origines, dont les vestiges presque effacés se dérobent aux yeux les plus pénétrants; c’est ce qui constitue la Science Etymologique, c’est enrichir la Langue: travail épineux, qui demande des connoissances prodigieuses, une sagacité singulière, beaucoup de Dialectique, et même de Philosophie. ”

(“Tudo o que se pode dizer a respeito desta nova Edição do *Dicionário Etimológico da Língua Francesa* já foi publicado no *Prospecto* oferecido ao Público; repetiremos aqui somente o que toca a nosso assunto.

“Pesquisar o que as línguas tomaram de empréstimo umas às outras, analisá-las, e revocá-las às origens, cujos vestígios quase apagados se furtam aos olhos mais penetrantes; enriquecer a Língua é o que constitui a Ciência Etimológica: trabalho espinhoso, que exige prodigiosos conhecimentos, uma singular sagacidade, muita Dialética, e até Filosofia...”).

(15) — Ménage, G. — *op. cit.*, p. XIX

b) Formação de Ménage, repercussão de sua obra e sua atitude científica:

“M. l’Abbé Ménage, muni d’une vaste Littérature, versé dans les Langues anciennes, savant dans quelques-unes modernes, est entré le dernier dans la carrière des Etymologies, et a devancé tous ceux qui avoient écrit sur cette Science en François. Ses Origines de la Langue François parurent en 1650, in-4^o, avec l’applaudissement presque unanime des gens de Lettres, et lui valurent ce compliment de la Reine Christine de Suède, qu’il savoit non seulement d’où venoient les mots, mais où ils alloient. Cependant son Ouvrage fut critiqué: mais Ménage ne fut ni irrité des critiques, ni aveuglé des éloges; il sentit combien lui restoit à faire; il y travailla toute sa vie; et la seconde édition de ses Origines étoit fort avancée lorsqu’il mourut.”

(“Munido de uma vasta Literatura, versado nas Línguas antigas, conhecedor de algumas modernas, o Padre Ménage ingressou por último na carreira das Etimologias e avantajou-se a todos aqueles que haviam escrito acerca dessa Ciência em Francês. Seu *Origens da Língua Francesa* foi publicado em 1650, in-4.^o com o aplauso quase unânime dos intelectuais, e lhe valeu o elogio da Rainha Cristina da Suécia, segundo o qual *ele sabia não só de onde vinham as palavras, mas para onde iam*. Sua Obra foi, entretanto, criticada: mas Ménage não se irritou com as críticas e nem ficou obnubilado pelos elogios; percebeu quanto lhe restava por fazer; trabalhou a vida inteira; e a segunda edição de seu *Origens* estava bem adiantada quando ele morreu.”)

c) Características e acréscimos da 2^a edição:

M. Simon de Valhebert, de l’Académie des Sciences, la donna au Public sur les Mémoires de l’Auteur, et elle parut en 1694, en un volume in-folio, sous le titre de *Dictionnaire Etymologique, ou Origines de la Langue François*. Outre quelques Additions, dont les unes sont du feu Père Louis Jacob, et les autres de l’Editeur et de l’Abbé Berrault, cette édition contient plusieurs pièces qui ne sont pas de Ménage, telles que le Discours sur la Science des Etymologies, qui sert de Préface, un Traité du changement des Lettres dans les noms propres, sous le titre de Vocabulaire Hagiologique, qui est de M. Chastelain, Chanoine de l’Eglise de Paris: mais l’augmentation la plus importante est de M. de Caseneuve, dont les Origines de la Langue François furent mises à la fin de cette édition du Dictionnaire de Ménage.”

(“O Sr. Simão de Valhebert, da Academia de Ciência, trouxe-a a público com as Memórias do Autor, e ela foi publicada em

1694, num volume *in-folio*, com o título de *Dicionário Etimológico*, ou *Origens da Língua Francesa*. Além de algumas Adições, de que umas são do falecido Padre Luís Jacob, e outras do Editor e do Padre Berrault, essa edição contém várias peças que não são de Ménage, tais como o *Discurso sobre a Ciência das Etimologias*, que serve de *Prefácio*, um Tratado da alteração das Letras nos nomes próprios, sob o título de *Vocabulário Hagiológico*, de autoria do Sr. Chastelain, Cônego da Igreja de Paris: mas o acréscimo mais importante é do Sr. de Caseneuve, cujo *Origens da Língua Francesa* foi colocado no fim desta edição do Dicionário de Ménage.”)

d) Outros etimologistas e suas obras:

“Il sembloit que M. Ménage avoit rempli tout son objet, e qu’il avoit été aussi loin qu’il étoit possible dans cette recherche: cependant peu après cette seconde édition de son Livre, parurent les Dissertations de M. l’Abbé Tilladet, à la fin desquelles on trouve les étymologies de M. Huet, Evêque d’Avranches, l’un des plus illustres savants de nos jours. Don Liron, Bénédictin, et quelques-autres en publièrent aussi. D’autres travailloient dans le secret, et leurs Ouvrages n’étoient jusqu’à présent connus que par des Savans qui étoient informés de leurs occupations. Entre ces derniers, M. de Vergy avoit recueilli un très-grand nombre de recherches.

(“Parecia que o Sr Ménage tinha cumprido inteiramente o seu objetivo e que fora tão longe quanto possível nessa investigação: todavia, pouco depois dessa segunda edição de seu Livro publicaram-se as Dissertações do Padre Tilladet, em cujo final se encontram as etimologias do Sr. Huet, Bispo de Avranches, um dos mais ilustres sábios de nossos dias. Dom Liron, Beneditino, e alguns outros também publicaram. Outros trabalhavam em segredo e suas Obras só eram conhecidas até agora por Sábios, informados que estavam de suas ocupações. Entre esses últimos, o Sr. de Vergy havia coligido um número considerável de pesquisas.”)

e) Um importante comentador de Ménage:

Mais le plus célèbre de tous est M. le Duchat, un de ceux qui a le plus apporté de lumières dans cette partie. Il avoit chargé les marges du Dictionnaire de Ménage de ses nouvelles observations et des augmentations qu’il se proposoit d’y faire. Il y a consommé une vie très-longue, qu’il avoit presque uniquement destinée à l’étude de la Langue Française et de ses Origines. A sa mort, ce morceau précieux pour notre Langue passa dans le Cabinet de M. Formey, Secrétaire perpétuel de l’Académie des Sciences de Berlin, qui a eu la complai-

sance de nous le céder C'est le fondement des principales Additions que nous publions sur Ménage. ”

(“Mas de todos o mais célebre é o Sr. le Duchat, um dos que mais luzes lançou nesse campo. Ocupara as margens do Dicionário de Ménage com suas novas observações e acréscimos a que se propunha fazer. Consumiu uma longa vida, destinada quase unicamente ao estudo da Língua Francesa e de suas Origens. Quando de sua morte, esse fragmento precioso para nossa Língua foi para o Gabinete do Sr. Formey, Secretário perpétuo da Academia de Ciências de Berlim, que teve a benevolência de no-lo ceder. Constitui o fundamento das principais Adições que publicamos a respeito de Ménage. ”)

f) Características e vantagens da edição de 1750:

“Nous avons profité de tous ces secours, et de tout ce qui s'est publié jusqu'à nos jours, ainsi que des conseils et des lumières de plusieurs Savans illustres qui ont favorisé notre entreprise; de sorte que nous n'avons rien laissé de tout ce qui existe en cette partie, que nous n'ayons vu et consulté pour la perfection du Dictionnaire Etymologique que nous donnons au Public.”

“Un autre avantage sensible de notre Édition, c'est que la précédente n'avoit donné les Additions du Père Jacob et de M. de Caseneuve, qu'à la fin du volume de Ménage, en sorte que le Lecteur avoit à consulter trois fois ce Livre pour trouver ce qu'il cherchoit: nous avons tout réuni aux articles mêmes de Ménage, en observant seulement de citer les noms des Auteurs à la fin de chaque article. En rendant à chacun ce qui lui appartient, nous satisfaisons à la justice qui est dûe à ceux qui nous ont éclairés; et nous espérons que le Public sera content de l'attention que nous avons à lui faire connoître les garans de nos Additions au travail de Ménage.”

(“Valemo-nos de todos esses socorros e de tudo o que se publicou até o presente, assim como dos conselhos e das luzes de vários Sábios illustres que favoreceram nossa empresa; de tal modo que não omitimos nada do que existe nesse domínio, assim como nada há que não tenhamos visto ou consultado para a perfeição do Dicionário Etimológico que oferecemos ao público.”)

“Outra sensível vantagem de nossa Edição é que a precedente só fornecera as Adições do Padre Jacob e do Sr. Caseneuve no final do volume de Ménage, de modo que o Leitor tinha de consultar três vezes esse Livro para encontrar o que procurava: juntamos tudo aos próprios artigos de Ménage, cuidando apenas de ci-

tar o nome dos Autores no fim de cada artigo. Ao conferir a cada um aquilo que lhe toca, satisfazemos à justiça devida aos que nos iluminaram; esperamos que o Público fique contente com a atenção que tivemos em levar a seu conhecimento as abonações de nossa Adição ao trabalho de Ménage.”) (16)

Por estas informações, o *Dictionnaire* vai além da própria obra de Ménage, constituindo um autêntico marco da história da Etimologia, repositório que é das concepções lingüísticas do século XVII. Com efeito, a edição de 1750 apresenta:

- a) pp. I-IV: *Epitre dédicatoire*, de Formey, Secretário da Academia de Berlin, ao Rei da Prússia;
- b) pp. V-VI: *Avertissement* dos editores ;
- c) pp. VI-X: *Vie de M. Ménage*;
- d) pp. XI-XII: *Epitre dédicatoire*, de Simon de Valhebert, promotor da edição de 1694, a Bignon, Conselheiro de Estado;
- e) pp. XIII-XIV: *Epitre dédicatoire*, de Simon de Valhebert a Foucault, Intendente da Justiça em Caen;
- f) pp. XV-XVIII: *Préface*, de Simon de Valhebert para *Origines de la Langue Française*, de Caseneuve;
- g) p. XIX: *Approbation* do *Dictionnaire Etymologique de Ménage, augmenté; avec le Trésor des Recherches et Antiquités Gauloises et Françaises de Borel, aussi augmenté* por Mau noir, em 7 de junho de 1749 e o *Privilège du Roy* ao editor Antoine-Claude Briasson para a impressão do *Dictionnaire Etymologique de Ménage, avec des augmentations, le Trésor des Antiquités Françaises, et les Dictionnaires de Nicot et Monet*, em 7 de abril de 1750;
- h) pp. I-XXXII: “*Discours sur les étymologies françaises, pour servir de préface aux Origines de Monsieur Ménage*”;
- i) pp. XXXIII-XLIV: *Principes de l'art des étymologies ou Exemples de la diverse altération des lettres*.

Na dedicatória ao Rei da Prússia, Formey nos dá uma idéia da fama de Ménage e da importância do *Dictionnaire*:

“C'est ici, Sire, le principal Ouvrage d'un Auteur, qui en a fait un grand nombre d'autres, tous estimés, et qui l'avoient élevé, pendant le cours d'une longue carrière qu'il a fournie, à une espèce de Dictature parmi les Savans ses contemporains. Dès que ce Livre parut, il fut regardé comme un de ces Livres, qui sont, non un vain ornement des Bibliothèques, mais qui ont le privilège rare d'être

(16) — *id.*, *ibid.*, p. V.

d'un fréquent usage. Il devint par-là un objet d'attention pour plusieurs Savans, livrés au même genre d'étude; et comme un Dictionnaire est toujours susceptible d'accroissement et de perfection, ils rassemblèrent divers matériaux, destinés à enrichir celui-ci." (p. II)

("Eis, Senhor, a principal Obra de um Autor, que produziu numerosas outras, todas apreciadas e que o elevaram, no curso de sua longa carreira, a uma espécie de Ditadura entre os Sábios contemporâneos seus. Desde a sua publicação, esta Obra foi considerada como um daqueles livros que constituem não um vão ornamento das Bibliotecas, mas que têm o raro privilégio de um uso freqüente. Tornou-se então um objeto de atenção para vários Sábios, entregues ao mesmo gênero de estudo; e como um Dicionário é sempre suscetível de acréscimo e de aperfeiçoamento, eles reuniram diversas matérias destinadas a enriquecer este último.")

A observação de Formey é de uma irônica atualidade para os etimologistas: de fato, não só o dicionário de Ménage, mas todos os dicionários etimológicos — até os mais recentes! — são. "susceptibles d'accroissement" ("suscetíveis de acréscimo")

Mais adiante, o Secretário da Academia de Berlim, refere-se ao trabalho notável de Le Duchat:

" et comme il avoit une sagacité particulière pour ces recherches, ce qu'il a fait de meilleur et de plus achevé, ce sont ses Additions au *Dictionnaire* de Ménage, qui égaloient presque l'Ouvrage même." (p. II)

("...e como tinha uma particular sagacidade para tais investigações, o que ele fez de melhor e de mais acabado foram as suas Adições ao *Dicionário* de Ménage, que quase igualavam com a própria Obra.")

E é de Formey (não de Ménage!) o trecho citado por Baldinger acerca da relação entre língua e sociedade:

"Le sort des Langues a beaucoup de rapport à celui des Empires. " (cf. p. 105 do artigo)

Do modo como Baldinger o cita, parece que é de Ménage:

" no prólogo do dicionário de Ménage lê-se. " É importante, entretanto, ressaltar a autoria desta observação: percebe-se que Ménage não está isolado e suas concepções sobre corrupção, decadência ou progresso das línguas pertencem à ideologia lingüística da época. Idéias tão sedutoras que as encontraremos até mesmo no

século XIX, subjacentes às teorias de Schleicher, por exemplo, para quem as mudanças lingüísticas não representavam nada mais do que “uma longa e inelutável degradação” (17), ou gerando conclusões perigosas tais como a relação entre língua e raça, hierarquia de línguas etc. A esse respeito, vale a pena ler as lúcidas considerações de um lingüista moderno, o Prof. M. Leroy, que desmitifica tais teses ao declarar que “ a hierarquia das línguas é um fato social e não lingüístico, pois se estabelece por razões estranhas à própria língua” (18)

Em *Vie de M Ménage* encontra-se uma cuidadosa indicação bibliográfica de 19 obras de Ménage, evidenciando suas preocupações de lingüista (*Dictionnaire, Origini della Lingua Italiana*), literato (*Poemata*), crítico e filólogo (*Diogenes Laertius, Les Poësies de Malherbe*) e historiador (*Histoire de Sablé*)

Na dedicatória a Bignon, Simon de Valhebert comenta sobre a edição de 1694:

“Celle qui parut dès l’année 1650 n’étoit en quelque façon, selon la destinée ordinaire des grands Ouvrages, qu’un simple modèle et un essai de celle que j’ai l’honneur de vous présenter” (p. XI)

(“Conforme o destino comum das grandes Obras, a que se publicou a partir de 1650 era, de certo modo, apenas um simples modelo e um ensaio desta que eu tenho a honra de apresentarlhes.”)

E na dedicatória a Foucault, Valhebert dá a Ménage o título de *le Varron de notre siècle*, “o Varrão de nosso século” (p. XIII), caracterizando bem sua atividade essencialmente etimológica.

No prefácio de Valhebert às *Origines* de Caseneuve, há revelações curiosas sobre as relações entre este etimologista e Ménage, permitindo observar que melindre de intelectual — sobretudo de lingüista! — é coisa bem antiga:

“L’envie qu’avoit toujous eû M. Ménage de voir un travail de la nature du sien, et dont tous les Sçavans du tems avoient plaint le sort, changea la jalousie dont on l’accuse en une véritable tendresse. Touché de la générosité de Monsieur Foucault, il en écrivit à Monsieur de Segrais, et lui marca qu’il ne croyoit pas pouvoir mieux

(17) — Leroy, M. — *As Grandes Correntes da Lingüística Moderna* — São Paulo, Cultrix, 1971, p. 37

(18) — *id.*, *ibid.*, p. 69.

faire connoître combien il étoit sensible à l'honnêteté de Monsieur Foucault, qu'en lui offrant de faire imprimer l'ouvrage de M. Caseneuve à la suite du sien." (p. XVI)

("O desejo que sempre teve o sr. Ménage de ver um trabalho da natureza do seu, e cuja sorte fora lamentada por todos os intelectuais da época, mudou a inveja de que o acusam numa verdadeira ternura. Tocado pela generosidade do Senhor Foucault, ele escreveu a respeito ao Senhor de Segrais, observando-lhe que não acreditava poder demonstrar melhor o quanto era sensível à honestidade do Senhor Foucault, senão proporcionando-lhe a impressão do trabalho do sr. de Caseneuve em continuação ao seu.")

E é ainda no referido prefácio que Valhebert alude aos escrúpulos e probidade de Ménage quanto à nova edição de sua obra, evidenciando-se um espírito aberto, pronto a uma constante renovação:

"L'embaras que causoit à M. Ménage le soin de son propre travail, ne lui laissoit pas toute la liberté qu'il auroit souhaité. Il voyoit un nombre infini de nouvelles découvertes à ajoûter aux premières. Il falloit copier l'ancienne édition pour ajouter ce qu'il avoit préparé pour la nouvelle; tantôt se dedire d'une opinion, tantôt en fortifier une autre: c'étoit un labyrinthe d'où il ne sçavoit par où sortir." (p. XVI)

("O embaraço que causava ao Sr Ménage o zelo pelo próprio trabalho não lhe dava toda a liberdade que teria desejado. Descortinava um infinito número de novas descobertas a serem acrescentadas às primeiras. Era necessário copiar a antiga edição para juntar o que ele havia preparado para a nova; ora desdizer-se quanto a uma opinião, ora fortificar outra: era um labirinto de que ele não sabia por onde sair.")

A parte mais substancial da introdução ao *Dictionnaire* é o *Discours sur les etymologies françoises* (para servir de prefácio aos *Origines* de Monsieur Ménage) com cerca de 32 páginas. É uma verdadeira história da ciência etimológica desde os gregos, romanos e hindus até os povos mais recentes, como os espanhóis, portugueses, italianos e, particularmente, franceses, ressaltando-se a posição fundamental de Ménage; a autoria é de Besnier que, segundo o *Avertissement* dos editores, "*a traité cette matière avec tant d'érudition, que nous n'avons rien à y ajouter*" ("tratou essa matéria com tanta erudição que nada temos a acrescentar.") O texto é rico de informações sobre as atividades etimológicas em vários países e épocas, com algumas noções a respeito dos métodos adotados. Além disto, vale assinalar a elegância

e propriedade com que o Autor faz a apologia da ciência etimológica e do papel de Ménage (a quem chama de “restaurateur”):

(“[O *Dictionnaire* é uma obra que] se rend recommandable à la posterité, ou par la qualité du dessein, ou par le succès de l’exécution, ou par le mérite de l’Auteur; rien ne manque à celui-ci, et qu’il est presque parfait en son genre: ce trois avantages se trouvant assez heureusement réunis dans les Origines de la Langue Françoisé, dont Monsieur Ménage a bien voulu faire ce présent au Public.

Je sais bien qu’il pourra se trouver des Savans, qui faisant consister leur principale gloire, à censurer tout, et n’approuver rien, ne seront pas peut-être là-dessus de mon avis: que les uns se déclareront contre le dessein, les autres contre l’exécution, et quelqu’uns contre l’Auteur même. Pour toute Apologie, je leur oppose trois propositions, qui renferment à peu près, ce qui se peut dire sur ce sujet.

La première: ce n’est point un dessein frivole, et qui ne mène à rien, que de travailler sur les Etymologies; et il y a du moins autant de danger à mépriser trop cette sorte d’érudition, qu’à la trop estimer.

La seconde: l’exécution n’en est pas impossible; et quand on a tous les secours nécessaires, et qu’on se fonde sur des principes sûrs, l’on y peut réussir d’une manière solide, et qui ait un air de Science régulière.

La troisième: quelque décriés que puisse être la plûpart des Auteurs de Livres d’Etymologies, le vrai mérite n’est point incompatible avec la qualité d’Etymologiste; et le nom de Monsieur Ménage suffit pour nous prévenir en faveur d’un Art, qu’il a poussé plus loin que personne, et dont il est comme le restaurateur

Si après cela les Savans, qui d’ordinaire n’estiment que ce qu’ils savent, s’opiniâtrent encore à traiter les Etymologies de curiosité vaine, d’amusement épineux, et de marque d’esprit né pour la bagatelle, on leur permettra de blasphêmer ce qu’ils ignorent, pourvû qu’ils nous permettent de penser qu’ils en parlent sans connoissance de cause.

Lorsque les demi-Savans se montrent si ennemis de cette espèce de Science, je ne sais s’ils ont fait trop réflexion, qu’il étoit impossible d’en user de la sorte, sans s’attirer en même tems sur les bras toutes les Nations, tous les siècles, et toutes les Sciences, qui presque de concert ont pris parti pour les Etymologies. En effet, il n’y a point de Nation un peu fameuse, qui n’ait cru trouver sa gloire et son avantage à débrouiller l’origine de sa langue. Si l’on prétend que c’est une curiosité pure qui flatte la vanité des Peuples, je soutiens qu’elle est aussi ancienne que le monde, et du goût de tous les Siècles qui en ont eu pour les Lettres. J’ajoute même qu’il est difficile qu’elle n’ait

quelque chose de solide, puisque toutes les Sciences les plus sérieuses n'ont pas pû se dispenser de la cultiver

J'avance donc d'abord, que la pratique et l'exemple des Nations les plus célèbres justifie pleinement la Science des Etymologies: puisque ce seroit s'opposer à la raison, que de rejeter l'autorité de tous les Peuples, dont le suffrage ne peut être suspect, quand il est général, étant alors fondé sur un certain bon sens que la Nature inspire également à tous les hommes. Or de quelque coté du monde que l'on jette les yeux, on ne trouvera pas de Nation ou polie ou savante, qui pour peu qu'elle ait été jalouse de sa gloire, n'en ait fait consister une partie à rechercher soigneusement la première origine de sa langue, et qui par-là n'ait prétendu en tirer quelque avantage au-dessus des autres Peuples ses ennemis ou ses voisins. Car soit que toutes les Nations se fassent honneur de l'antiquité de leur origine, et qu'il n'y ait pas de meilleurs titres pour établir, que l'antiquité même de la langue qui leur est naturelle; soit qu'elles se piquent d'aimer la vérité, et qu'elles esperent la rencontrer dans l'Etymologie, qui renferme dans la nature aussi bien que dans son nom, *la raison véritable* des Nations et des Idées attachée à chaque terme et à chaque expression; soit que la variété des mots, qui ont l'air étranger, conserve les vestiges des révolutions de chaque Etat, et de ses communications avec les Peuples voisins; soit enfin que quelque autre raison secrète et inconnue fasse aimer cette Science: on peut dire qu'il n'y a pas de passion si universelle ni si commune à tous les climats, que l'inclination pour les Etymologies: et l'on auroit autant de peine à la déraciner du coeur des hommes, que celles qu'ils ont d'être éclairés sur leur propre Généalogie." (pp. II-III)

(["O Dicionário é uma obra que] se faz recomendável à posteridade, seja qualidade do projeto, seja pelo êxito da execução, ou pelo mérito do Autor; nada lhe falta e é quase perfeito em seu gênero: três vantagens que se encontram muito felizmente reunidas em *Origens da Língua Francesa*, com que o sr. Ménage houve por bem brindar o Público.

Sei muito bem que poderá haver Eruditos, cuja principal glória consiste em censurar tudo e nada aprovar, e que talvez não sejam da minha opinião a esse respeito: uns se declararão contra o projeto, outros, contra a execução, e alguns, contra o próprio Autor. Para qualquer Apologia, eu lhes oponho três proposições que encerram praticamente tudo o que se possa dizer sobre esse tema.

Primeiramente: trabalhar em Etimologias não é absolutamente um propósito frívolo e que não leve a nada; há, pelo menos, igual

perigo em desprezar demais essa espécie de erudição como em estimá-la exageradamente.

Segunda: a sua execução não é impossível; e quando temos toda a ajuda necessária e nos fundamentamos em princípios seguros, podemos obter êxito de um modo sólido e com aspecto de uma Ciência regular.

Terceira: por mais desacreditada que possa estar a maioria dos Autores de Livros de Etimologia, o verdadeiro mérito não é de modo algum incompatível com a qualidade de Etimologista; e o nome do Senhor Ménage é suficiente para nos predispor em favor de uma Arte que ele levou mais longe que qualquer outro e de que é, por assim dizer, o restaurador.

Se, depois disso, os Estudiosos que ordinariamente só apreciam aquilo que sabem, ainda teimam em tratar as Etimologias de vã curiosidade, de divertimento espinhoso e de marca de um espírito nascido para a bagatela, permitir-lhes-emos blasfemar contra o que ignoram, contanto que nos permitam pensar que falam a respeito sem conhecimento de causa.

Quando os meios-Eruditos se mostram tão inimigos dessa espécie de Ciência, não sei se refletiram bastante, pois seria impossível fazê-lo sem atirar-se ao mesmo tempo nos braços de todas as Nações, todos os séculos e todas as Ciências que quase de concerto tomaram partido em favor das Etimologias.

Com efeito, Nação alguma já um pouco famosa existe que não tenha acreditado encontrar sua glória e sua superioridade em deslindar a origem de sua língua. Se se pretende que não passa de pura curiosidade que lisonjeia a vaidade dos Povos, eu sustento que ela é tão antiga quanto o mundo e do gosto que todos os Séculos tiveram pelas Letras. Acrescento mesmo ser difícil que ela não tenha algo de sólido, já que todas as Ciências mais sérias não puderam dispensar o seu cultivo.

Adianto pois, primeiramente, que a prática e o exemplo das mais célebres Nações justificam plenamente a Ciência das Etimologias: visto que seria opor-se à razão rejeitar a autoridade de todos os Povos cujo sufrágio não pode ser suspeito, quando é geral, fundamentado que está então num certo bom senso que a Natureza igualmente inspira a todos os homens. Ora, qualquer que seja o canto do mundo para onde nos voltemos, não encontramos Nação alguma, ou civilizada ou culta, que, por menos ciosa que tenha sido de sua glória, não tenha constituído uma parte da mesma em in-

vestigar cuidadosamente a origem primeira de sua língua e, por aí, não tenha pretendido tirar algum proveito sobre outros Povos, inimigos seus ou vizinhos. Pois, ou porque todas as Nações fiquem honradas com a antiguidade de sua origem e não haja melhores títulos a estabelecer do que a própria antiguidade da língua que lhes é natural; ou porque se jactem de amar a verdade e esperem encontrá-la na Etimologia, que encerra na natureza assim como em seu nome a *razão verdadeira* das Nações e das Idéias ligada a cada termo e a cada expressão; seja porque a variedade das palavras de aspecto estranho conserve os vestígios das revoluções de cada Estado e de suas comunicações com os Povos vizinhos; seja enfim porque alguma outra razão secreta e desconhecida leve a amar essa Ciência: pode-se dizer que não há paixão tão universal e nem tão comum a todos os climas como a inclinação pelas Etimologias: e custaria tanto a desenraizá-la do coração dos homens como se lhes custa iluminar-se acerca da própria Genealogia.”)

Destas considerações que primam, como já foi dito, pela elegância e oportunidade, ressalte-se esta que é bem verdadeira e atual: “pode-se dizer que não há paixão tão universal e tão comum a todos climas como a inclinação pelas Etimologias. ”

A partir daí, o erudito Autor da prefácio passa revista às atividades etimológicas dos vários povos, indicando autores e obras de interesse para uma história da etimologia:

a) *espanhóis*: *Del origen y principio da la lengua Castellana*, de Bernard Aldrete, Cônego de Córdova, em que se destringem *tous les divers mélanges de la langue Espagnole*, (“todas as diversas misturas da língua Espanhola”);

b) *portugueses*: *Origens da Língua Portuguesa*, de Nuñez Delião (trata-se evidentemente da obra de Duarte Nunes do Leão, *Origem e Ortografia da Língua Portuguesa*), elogiada por ir “*plus droit à son but*” (“mais direto a seu objetivo”) e provar “*ce qu’il avance d’une manière plus précise e moins embarrassée*” (“o que adianta de uma maneira mais precisa e menos embaraçada”)

c) *bascas*: é citado o juriconsulto Emanuel Poza que, entre outros, procurou demonstrar que o basco seria a língua mais antiga da Espanha;

d) *italianos*: Dante, “*qui n’a traité les Etymologies de sa langue qu’à mesure qu’il en a eu besoin de l’Histoire du bel esprit*”, (“que só tratou das etimologias de sua língua na medida em que teve necessidade da História da erudição”), e Monosini, autor de um tratado cheio de falhas, por desconhecer o lombardo, o grego e o árabe (línguas influentes na Itália) e que propiciou a Ménage demonstrar seu conhecimento

e erudição ao criticar a referida obra e escrever suas *Origens da Língua Italiana*.

O Autor trata, a seguir, dos gregos, romanos, hebreus, árabes e alemães. É ressaltado o papel de três grandes etimologistas: Platão, Varrão e Santo Isidoro. E o hebraico continua sendo apresentado como a primeira língua do mundo, dentro daquela concepção bíblica da origem das línguas. Desfilam também os dinamarqueses, ingleses e eslavos bem como os húngaros, que teriam dificuldades em indicar a origem de seu idioma *si différent de tous les autres d'Europe* (“tão diferente de todos os outros da Europa”). Já o parágrafo dedicado aos hindus é praticamente inutilizável pelas informações inexatas acerca da Índia e uma completa ignorância da existência do sânscrito (só revelado bem mais tarde, no século XIX)

No cap. II da 1.^a parte, Besnier procura demonstrar os benefícios da etimologia para as grandes civilizações, avultando a sua antiguidade nas palavras de Ménage que o Autor nos reproduz:

“Pour montrer, dit-il, l'excellence des Etymologies, je commencerois par remarquer, que le mot d'Etymologie signifie discours véritable: je releverois ensuite son antiquité en faisant voir qu'Aristote a fait un livre d'Etymologies et que plusieurs auteurs célèbres l'ont imité”

(“Para mostrar, diz ele, a excelência das Etimologias, começarei por observar que a palavra Etimologia significa discurso verdadeiro: ressaltarei a seguir a sua antiguidade demonstrando que Aristóteles compôs um livro de Etimologias e que vários autores célebres o imitaram.”)

Na seqüência, há uma menção importante: o *Crátilo*, de Platão, que o Autor inclui entre as obras mais representativas das preocupações etimológicas na Antiguidade:

“Le Cratyle, l'un des plus jolis dialogues de Platon, en fait foi; et l'on ne peut pas examiner avec plus de subtilité et d'agrément la question fameuse que les Stoïciens adoptèrent dans la suite, si les mots signifient naturellement, ou si ce sont des signes purement arbitraires, ou bien si le système des Langues n'est point en même tems composé de signes naturels et artificiels; qui peut-être est le parti le plus sûr et le moins déraisonnable qu'un Grammairien Philosophe puisse prendre.” (p. VI)

(“O Crátilo, um dos mais belos diálogos da Platão, dá testemunho disso [isto é, o problema do significado natural ou convencional dos signos]; e não se pode examinar com mais sutileza

e encanto a famosa questão que os Estóicos adotaram depois, a saber, se as palavras significam naturalmente, ou se constituem signos puramente arbitrários, ou ainda se o sistema das Línguas não é ao mesmo tempo composto de signos naturais e artificiais, que talvez seja o partido mais seguro e menos despropositado que um Gramático Filósofo possa tomar.”)

É notável como Besnier capta muito bem a questão da arbitrariedade do signo (ele emprega o termo *signo!*) já lançada no *Crátilo*, admitindo sabiamente a existência de signos naturais e convencionais. O mérito dessas investigações etimológicas é atribuído a um filósofo anterior a Platão; trata-se de Pitágoras, para quem os caracteres de cada palavra encerravam os números reveladores da essência dos objetos designados pelas palavras. Besnier não chega propriamente a discutir tais elucubrações de origem cabalística, contentando-se com mostrar como a etimologia segue de perto o florescimento das Ciências em geral:

“ les sciences les plus solides n’ont guère d’autre fondement, ni d’autre base, que l’explication nette des termes, laquelle dépend uniquement de leur origine et de la première imposition. ” (p. XIX).

(“ as mais sólidas ciências não têm outro fundamento e nem outra base senão a explicação nítida dos termos, a qual depende unicamente da origem dos mesmos e da primeira imposição.. ”)

Percebe-se a idéia de *convenção* no termo “imposition” (os *imposita* para Varão). A partir da relação entre etimologia e ciência, o Autor demonstra a importância da primeira para a matemática, jurisprudência, história e literatura.

Na 2ª parte do prefácio, é feita a defesa da etimologia, como uma ciência “aussi réelle et aussi régulière que les autres; qui a des principes sûrs et de plus d’une sorte; que l’on peut distinguer en Principes d’Origine, Principes de Connaissance, et Principes de Méthode...” “(tão real e tão regular como as outras; que tem princípios seguros e de mais de uma espécie que se podem distinguir em Princípios de origem, Princípios de conhecimentos e Princípios de Método. ”) (p. XXII)

A metodologia de Ménage, explicada minuciosamente por Besnier, gira inteira em torno de dois princípios básicos: a mundança das palavras pela *corrupção* e a *analogia*. Segue-se ao *Préface*, os *Principes de l’art des étymologies* em que Ménage expõe suas idéias sobre a

corrupção das línguas num célebre texto que Guiraud, por exemplo, transcreveu integralmente em sua já citada obra *L'Étymologie* (p. 24):

“Toute la corruption des Langues anciennes se réduit à quatre sources principales, qui produisent de tems en tems des Langues nouvelles et ces quatre sources de corruption regardent toutes l'altération des lettres: car selon qu'elles se changent les unes dans les autres, s'ajoûtent, se retranchent, ou se transposent, il se forme par ce moyen de nouveaux mots, qui paroissent souvent si déguisés, qu'on a de la peine à les reconnoître.

Ainsi tout ce que l'on peut dire des Principes de l'Art des Etymologies, se peut rapporter à quatre chefs: Savoir, au changement, à l'addition, au retranchement, et à la transposition des lettres. On trouvera ci-après, par ordre Alphabétique, des exemples de ces quatre sortes d'altération.” (p. XXXIII)

(“Toda a corrupção das Línguas antigas se reduz a quatro fontes principais que produzem periodicamente Línguas novas e essas quatro fontes de corrupção dizem respeito todas à alteração das letras: pois, conforme se transformem umas em outras, se ajuntem, se eliminem ou se desloquem, formam-se por esse meio novas palavras, freqüentemente tão disfarçadas que custa reconhecê-las.

Assim, tudo o que se pode dizer dos Princípios da Arte das Etimologias deve referir-se a quatro pontos principais, a saber: alteração, adição, eliminação e transposição das letras. Encontrar-se-ão em seguida, por ordem Alfabética, exemplo dessas quatro espécies de alteração.”)

A despeito de seu caráter vago e um tanto fantasista, o texto tem um mérito: esboçam-se aqui “leis”, ou pelo menos *regras*, que explicam a mudança das formas. Pode-se mesmo detectar um embrião de método, apesar de Ménage ignorar a verdadeira natureza dos fenômenos: primeiramente, uma conjectura (“on a dû dire *fabā*. ”), a seguir, a evolução (*fabaricus*, *fabaricotus*, *faricotus*, *haricot*. ”) e, finalmente, a “lei” analógica o ponto de chegada (“ par le changement ordinaire de l’F en H comme en *hors*, de *foris*. ”)

Justifica-se, então, a advertência de F Brunot:

“Mas se Ménage ignorou nossa ciência positiva, ele conhecia pelo menos as suas condições...” (19)

(19) — Brunot, F. — *op. cit.*, tomo IV, p. 3.

Os *Principes* ou *exemplares de la diverse altération des lettres*, apesar de anacrônicos, primam pela minúcia: desfilam todas as letras, de A a Z, em várias posições, com as alterações ilustradas por farta exemplificação. Falta a *Ménage*, é claro, o conhecimento de leis fonéticas que só o comparatismo do século XIX iria estabelecer; assim, para mostrar a mudança $a > i$ em latim, é citado o grego Ζευς πατήρ que passou a *Jupiter*, exemplo incorreto, pois tanto o *a* do grego quanto o *i* do latim provêm do fonema laringal *chevá* do indo-europeu. Mas, para a mesma “lei”, há também exemplos bem corretos, como *facio/perficio*.

Por todas essas informações, pode-se afirmar, com Alain Rey, que *Ménage* encarna bem a etimologia da época clássica, marcada pela invenção de formas para ligar conceitos ou deformação de conceitos para adaptar formas (20); exemplos notáveis são *haricot* e *laquais*, dois célebres verbetes que suscitaram um importante comentário para a história dos métodos em lexicologia:

“A negação do significante, notável em *Ménage*, o conduz a aproximar dois signos levando em conta apenas a substância de seu conteúdo: *laquais* (“lacaio”) vem do latim *uerna*, *haricot* (“feijão”), de *faba*...”

“Mas essa negação é rapidamente dialetizada: *Ménage* inventa uma série de formas para tornar praticável a passarela que acaba de lançar entre dois pontos de apoio conceituais: *uerna*, *vernula*, *vernaculus*, *vernacula*, *vernaculacaius*, *lacaius*, *laquay*...”

“Com efeito, era necessário demonstrar que as idéias conservam seus signos. Eis então, escolhida por seu caráter fictício, uma pura filiação léxica. Na falta de conhecimentos, a etimologia da época clássica tem de triturar ou inventar formas para reatar conceitos, manipular ou deformar os conceitos para adaptar formas: nessa operação criadora, ela constitui conjuntos léxicos e “famílias” artificiais. O exemplo de *Ménage* é extremo. Em geral, acumulam-se palavras ou lexemas dos significantes vizinhos e significados compatíveis: conforme o seu conhecimento das línguas, cada um estabelece as suas passarelas, criando uma extraordinária trama de jogos de palavras e de aproximações, em que se desenha, numa rede cada vez mais apertada, o universo primordial da língua universal.” (21)

(20) — Rey, A. — “Le dictionnaire étymologique de W. von Wartburg” in *Langue Française*, n.º 10, maio, 1971, Paris, Larousse, p. 86.

(21) — *id.*, *ibid.*

Já não temos, atualmente, a passarela linear e “criativa” de Ménage que levava seguramente ao desconhecido: hoje, o método rigoroso e a reflexão objetiva retêm os especialistas que se limitam a observar, no final do verbete que trata de um termo problemático: “origem desconhecida” ou “nenhuma etimologia clara”

Resta, a meu ver, um saldo positivo deste exame da obra menagiana:

- a) uma metodologia embrionária;
- b) a noção de alteração, como um dos universais da linguagem, base da Lingüística diacrônica;
- c) regras ou “leis” de alteração;
- d) *modelos* explicativos de alterações fonéticas e até semânticas (caso de *fiacre*);
- e) informações valiosas sobre os hábitos lingüísticos da sociedade da época;
- d) 70% de explicações etimológicas corretas.

E tão corretas que, numa pesquisa por mim empreendida acerca do campo morfo-semântico do grego *Κάρα*, “cabeça” (22), o *Dictionnaire* de Ménage foi uma das fontes que permitiu estabelecer a ponte entre o grego *Κάρα* e o latim *cara*, configurando-se uma vasta e complicada família de palavras que designam “cabeça”, “cara”, “rosto” e seus prolongamentos semânticos no mundo indo-europeu e, depois, românico. Quando J. Renson explica a etimologia do francês *chère*, “cara”, “rosto”, remonta ao latim vulgar *cara*, do grego *Κάρα*, e reforça a hipótese com o testemunho de um bispo africano, Coripo, que teria empregado *cara* com o significado de “cabeça” e, mais particularmente “rosto”: “Caesaris ante *caram*.” (“diante do rosto de César”) (23). Pois bem, a citação de Coripo já aparece em Ménage, que também apresenta as extensões de sentido de *chère* (*faire une bonne chère*, “comer bem”, isto é, fazer boa cara por ter comido bem) e, sobretudo, alude à origem grega de *chère* (*chère* < lat. *cara* < gr. *Κάρα*):

“CHÈRE. De *cara*, qui signifie *visage*, et dont Coripe s’est servi en cette signification:

*postquam uenere uerendam
Caesaris ante caram, cuncta sua pectora dura
Illidunt terra.*

(22) — Trata-se de uma pesquisa que deu origem à minha tese “*O Campo Morfo-semântico de kára, “cabeça”*”, São Paulo, 1976 (exemplar em xerox).

(23) — Renson, J. — *Les dénominations du visage en français et dans d’autres langues romanes*, 2 vol., Paris, tes Belles Lettres, 1962, vol. I, p. 105.

C'est au livre 2, du Panégyrique de Justin. Les Italiens en ont aussi *cera*, et les Espagnols *cara*. Et anciennement ce mot *chère* signifioit *visage*, comme le témoignent ces proverbes: *Belle chère, et le coeur arrière: Belle chère vaut bien un mets*. Pathelin, dans la Farce qui porte son nom:

*Et quand il viendra vous direz,
Ah parlez bas, et gémirez
En faisant une chère fade.*

Et ensuite:

*Que ressemblez-vous bien de chère,
Et du tout, à votre feu père.*

On dit encore présentement dans le Languedoc et dans la Guienne, *care* pour le visage, et *acarar des témoins*, pour dire *confronter des témoins*, Rabelais, 3. 39. *Recollemens, confrontations, acarations*. Voyez ci-dessus *acarar*. De-là nous avons dit figurément, *faire bonne et mauvaise chère*, pour dire, *être bien ou mal traité à la table*. *Cara* a été fait de Κάρα qui signifie *caput*, comme l'ont rémarqué Caninius dans les Canons des Dialects, et Dempster sur le lieu allegué de Coripe; et non pas de Χάρα , *gaudium*, comme quelques-uns ont cru. Méric Casaubon s'est étrangement trompé, dérivant *chère* de χαίρε . C'est dans sa Dissertation de l'ancienne Langue Anglicane, page 244 Robert Etienne n'a pas mieux rencontré, le dérivant ab imperatiuo χαίρε , id est, *salve, gaude*: c'est dans son Dictionnaire François" (24)

("CHERE. De *cara* que significa *rosto* e de que se serviu *Coripo* nessa significação:

—“depois que vieram diante do venerável rosto de César, bateram todos juntos seus peitos na terra.”

Está no livro 2, do Panegírico de Justino. Os italianos têm também *cera*, e os espanhóis *cara*. E antigamente essa palavra *chère* significava *rosto*, como o testemunham esses provérbios: *Bela cara, e o coração atrás: Bela cara vale bem um prato*. Pathelin, na farsa que leva o seu nome:

*E quando ele vier vós direis,
Ah falai baixo, e gemereis
Fazendo uma cara insípida.*

E em seguida:

*Como vos pareceis bem de cara
E no rosto com vosso finado pai.*

Diz-se ainda agora no Languedoc e na Guiana, *care* para o rosto, e *acarer les témoins*, para dizer *confrontar as testemunhas*, Rabelais, 3.39 *Verificações, confrontações, acareações*. Ver acima *acarer*, “acarear” Daí temos em sentido figurado, *faire bonne ou mauvaise chère*, “fazer boa ou má cara”, para dizer, *ser bem ou mal tratado à mesa*. *Cara* formou-se de *κάρα*, que significa *caput*, “cabeça”, como o observaram Caninius nos *Canons des Dialects*, e Dempster no aludido texto de Coripo.; e não de *χάρα*, *gaudium*, “alegria”, como acreditaram alguns. Méric Casaubon enganou-se estranhamente fazendo derivar *chère* de *χαῖρε*. Está em sua *Dissertação da Antiga Língua Anglicana*, p. 244. Robert Etienne não encontrou coisa melhor, fazendo derivar *ab imperativo χαῖρε*, *id est, salve, gaude* (do imperativo *χαῖρε*, isto é, ‘alagra-te’): está em seu *Dicionário Francês*.”

Em pleno século XX, não é outra a opinião de M. Y Malkiel, para quem *CARA* é um exemplo clássico de um *hapax* na documentação que no entanto esteve em pleno uso no latim coloquial, a julgar por sua conservação em toda a România ocidental, exceto a Liguria. (25)

Há uma ironia em tudo isto: todos zombam de *haricot* ou *laquais*, mas o verbete *chère* resiste à crítica e, salvo uma ou outra afirmação, inexata (*cara* não se formou do grego *κάρα*, mas representa muito mais um empréstimo do grego), fornece informações bastante corretas.

Atualmente, quando dependemos diretamente dos subsídios da semântica para a realização de uma etimologia mais ambiciosa, porque se pretende “estrutural”, constata-se tropeços que, proporcionalmente, serão tão ridículos quanto os de Ménage e é o próprio P Guiraud, grande etimologista moderno, que declara prudentemente:

“...se a fonética histórica nos liberou definitivamente das “corrupções das letras”, a semântica moderna ficou impotente diante desses fantasmas [isto é, certos erros de interpretação que até hoje perduram na moderna Lexicologia] e, a esse respeito não estamos absolutamente mais adiantados do que Ménage.” (26)

(25) — Apud Renson, J. — *ibid.*

(26) — Guiraud, P. — *op. cit.*, p. 25.